

Produção fílmica e a reinvenção das identidades das comunidades quilombolas de Juazeiro.¹

Danilo ARAÚJO²

Márcia SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA.

RESUMO

Objetiva-se discutir nesse trabalho de que forma as construções identitárias das comunidades quilombolas de Juazeiro, cidade localizada no extremo norte da Bahia, no Nordeste do Brasil, podem ser reinventadas no discurso do filme "Quilombos e Sertões", idealizado pelo autor desse artigo. Para isso, faremos uma revisão dos conceitos de identidade a partir de autores como Hall (2010), Castell (2008), Novaes (1993), Munanga (2005;2006) e Nascimento (2013) com a finalidade de entender que identidades estão em jogo no território e de que forma podem aparecer no discurso fílmico. Trabalhamos também o conceito de documentário e qual a melhor concepção a ser adotada no trabalho visual proposto. Por fim, trazemos uma proposta de estética fílmica a partir das reflexões acima que permitam revelar as diversas identidades em jogo nas comunidades trabalhadas.

PALAVRAS-CHAVE: identidades; populações quilombolas; Juazeiro BA; documentário.

INTRODUÇÃO

"Nunca se produziu tantos documentários, nunca se dispôs de tantos suportes e mídias (químicos, eletrônicos, digitais), nunca um regime imagético propiciou tamanha variação estilística". (TEIXEIRA, 2004 p.19)

A produção de imagens vem crescendo a cada dia. A era das imagens está fragmentando-se. No audiovisual, novas realidades virtuais e emergentes hibridizam gerando impactos na comunicação. (TEIXEIRA, 2004) Pensando em um mundo globalizado, na qual as imagens em movimento possuem um papel fundamental para a veiculação das informações, imaginar a vida sem elas é viver à margem de vários processos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da DCH-III-UNEB, email: dbsadanilo@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da DCH-III-UNEB, email: mguenasantos@gmail.com.

A fala foi algo essencial para a evolução da espécie humana. As narrativas sempre fizeram parte da história da humanidade. O cinema herdou da literatura e do teatro a arte de contar a história. (TEIXEIRA, 2004) Dessa maneira, falar, pensar e fazer documentário é se colocar como componente histórico.

Atualmente grupos estão recuperando a sua memória a fim de garantir, entre outras coisas os direitos estabelecidos pelo estado. Diretos estes que foram negados durante anos, proporcionando diferenças diversas no país, entre elas as raciais.

A partir desses pressupostos pretendemos discutir nesse trabalho de que modo as construções identitárias cotidianas presentes nas comunidades quilombolas de Juazeiro, cidade localizada no extremo norte do estado da Bahia, no Nordeste brasileiro, se reinventam através do discurso fílmico. Neste trabalho, buscou-se uma reflexão do que vem a ser documentário, dando um breve panorama do documentário no Brasil, com base nos estudos de autores como, Teixeira (2004), Monte-Mór (2004), além disso, buscamos entender como as distintas concepções das narrativas com imagens em movimento se relacionam com a construção do documentário "Quilombos e Sertões", que vem sendo concebido pelo autor desse artigo, como subprojeto da pesquisa "Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas do submédio São Francisco: identidades em movimento", vinculado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios, do Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus de Juazeiro e coordenado pela professora Márcia Guena.

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: uma breve revisão dos conceitos de identidade a partir de autores como Hall (2010), Castell (2008), Novaes (1993), Munanga (2005; 2006) e Nascimento (2013), com a finalidade de entender que identidades estão em jogo no território e de que forma podem aparecer no discurso fílmico. Além disso, definimos as comunidades que foram abordadas neste trabalho. Em seguida trabalhamos o conceito de documentário em Teixeira (2004) e documentário etnográfico. Por fim, trazemos uma proposta de estética fílmica a partir das reflexões acima que permitam revelar as diversas identidades em jogo nas comunidades trabalhadas.

A região do Submédio de São Francisco possui uma forte presença negra. Nessa região, há 23 comunidades negras rurais quilombolas, (GEOGRAFAR, 2005, apud SANTOS et al.2013), sendo que 14 estão em Juazeiro: Alagadiço; Aldeia, Angico, Barrinha do Cambão, Barrinha da Conceição, Capim de Raiz, Curral Novo, Deus Dará, Junco, Pau

Preto, Juazeiro, Passagem, Rodeadouro, Salitre, Quipá. Além disso, de acordo com o senso do IBGE, 73% da população juazeirense é negra, se somarmos pretos e pardos.

Identidade

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, o, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, S. 2010, p.9)

É importante dizer que para construir um documentário sobre as populações quilombolas de Juazeiro é fundamental realizar uma discussão sobre as identidades na região, buscando entender que fatores estão em disputa e que inter-relações estabelecem. Em um mundo onde os contatos entre as culturas são intensos se faz necessário pensar como os quilombolas de Juazeiro inserem-se nesse panorama. Há trocas culturais com que grupos? Qual o sentido do fluxo dessas trocas? Como eles se autorreconhecem? Como fica a discussão da identidade negra? E quilombola? São muitas as questões.

Nunca se atribuiu tantas classificações em nossa sociedade, nas ciências, nas artes e entre outros agrupamentos humanos. Estão surgindo "novas identidades" relacionadas às sexualidades (goy, highsexuais, entre outros), aos gêneros (queer, transgêneros, não binário, etc.) e em outros aspectos das relações humanas. Com a evolução da comunicação e da globalização, o estilo de vida do homem, inserido agora em uma sociedade pós-moderna ocidental, vem sendo difundido para todo o mundo, mais marcadamente no sentido norte-sul, acompanhando o sentido dos mercados e das macroestruturas, reestruturando as identidades. (HALL, 2010) Há também um fluxo de influências determinando novas identidades no sentido sul-norte, decorrente, em grande parte das migrações que ocorrem em várias partes do mundo.

Para Castell (2008) a identidade pode ser entendida como a “fonte de significado e a experiência de um povo”. (CASTELL, 2008, p.22) Do ponto de vista sociológico as identidades são construções sociais. Castell (2008, p.22) afirma que existem três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora; identidade de resistência; identidade do projeto. A primeira pode ser entendida como, "introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais [...]"; (CASTELL, 2008, p.24). A segunda como "[...] os atores sociais se

encontram em posições/condições desvalorizada e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação [...]". (CASTELL, 2008, p.24) E a terceira, quando os "atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda uma estrutura social". (CASTELL, 2008, p.24)

Todas estão em um grau na realização dessa construção. A identidade legitimadora é perceptível nos esforços das instituições em legitimar a dominação (por exemplo, evocam nas disputas constantes pelo território, pelo o acesso à água), a identidade de resistência, em que prevalece a negação das marcas que foram atribuídas ao grupo; e a identidade de projeto em que há um empenho de uma "nova" construção da identidade (quando alguns dos membros recorrem à busca da autoafirmação quilombola, por exemplo). Vale lembrar que essa construção não é fixa, e acreditamos que as comunidades estão em um processo híbrido em relação a todas as identidades em jogo.

Hall é um dos autores fundamentais para entender esse debate. Em seu livro “A identidade cultural na pós-Modernidade”, Stuart Hall (2010), apresenta algumas questões sobre a identidade cultural, onde esboça os conceitos de identidade do período da modernidade até a pós-modernidade e de sujeito. Ele define três concepções de identidade dos sujeitos: do iluminismo, sociológico e o pós-moderno.

O sujeito do iluminismo é classificado como um indivíduo que o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Um sujeito totalmente, unificando, centrado e com capacidades de razão e consciência. (Hall, 2010) Já o sujeito sociológico tem uma concepção "interativa" da identidade e do eu e a sociedade. O sujeito possui ainda um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. (Hall, 2010)

Mapeando as mudanças conceituais através das quais, "(...) de acordo com alguns teóricos, o "sujeito" do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno". (Hall, 2010, p.46) A ruptura nessa concepção de identidade é o que Stuart Hall, define como sujeito pós-moderno.

Interessa-nos aqui discutir o sujeito pós-moderno, por acreditarmos que estamos vivendo um período de uma explosão constante de informação, e da expansão da tecnologia, na qual as estruturas sociais estão sendo rompidas.

A identidade torna-se fragmentada, composta de várias identidades, no sujeito pós-moderno, produzindo um sujeito “conceptualizado” como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (muitas vezes essas identidades são contraditórias ou não resolvidas). Mas vale ressaltar que a "idéia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno". (HALL, 2010, p.24)

Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (...) Definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. (HALL, 2010, p.12-13)

Outro aspecto que impacta na construção da identidade cultural do sujeito, é definido pelo autor como modernidade tardia, na qual ele ressignifica como "globalização". "As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades "tradicionais" e as "modernas"". (HALL, 2010, p.15)

Quando se pensa na identidade, devemos ter em mente que a sua representação, está obviamente ligada à representação que se faz do outro e dos vários outros que surgem num determinado contexto (NOVAES, 1993), imaginando que nenhum ser humano é perfeitamente igual ao outro, mesmo aquele sujeito que pertence ao mesmo grupo. (NOVAES, 1993)

De acordo com Novaes a identidade só pode ser evocada no plano do discurso, surgindo como recurso para a criação de um conjunto, o qual denomina de *nós coletivo*:

Este *nós* se refere a uma identidade (igualdade) que, efetivamente, nunca se verifica, mas que é um recurso indispensável do nosso sistema de representações. Indispensável porque é a partir da descoberta e reafirmação - ou mesmo a criação cultural - de suas semelhanças que um grupo qualquer, numa situação de confronto e de minoria, terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação. (NOVAES, 1993, p.24)

Castell (2008), também colabora com esse pensamento, ao afirmar que cada indivíduo ou um coletivo pode ter identidades múltiplas. "No entanto, essa pluralidade é a fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social". (CASTELL, M. 2008, p.22) Portanto quando são solicitadas as representações identitárias de um grupo, deve se pensar, que mesmo integrado, cada sujeito possui suas particularidades. "Uma vez que a identidade não é algo dado, que se possa verificar, mas uma condição forjada a partir de determinados elementos históricos e culturais". (NOVAES, C. 1993 p.24)

Os membros destas comunidades abrem mão da sua "identidade particular" para uma identidade coletiva, quando acionados, sejam eles na busca por direitos, sejam no resgate histórico-social, sejam em quaisquer outras utilidades. Não com o intuito de apagar as diferenças, mas, para articularem no enfretamento e reivindicar para si um espaço de visibilidade e atuação social. "A identidade é evocada sempre que um grupo reivindica, para si, o espaço político da diferença. Nessas manifestações não há um interlocutor específico". (NOVAES, C. 1993 p.27)

Assim, à medida que nessas comunidades o “nós coletivo” é acionado, as identidades são despertadas através dos: *nós catingueiros*, *nós indígenas*, *nós sertanejos*, *nós quilombolas*, onde todas estão imbricadas em um processo bastante complexo e com muitos elementos históricos e políticos. (ARAÚJO, 2015) No caso das comunidades quilombolas investigadas vão entrar em jogo várias questões para a conformação dessas identidades. Um aspecto muito presente no caso das regiões do semiárido é a identidade sertaneja, alimentada pelo mito de que o “sertanejo é antes de tudo um forte”. Ou seja, um sujeito que sobrevive e resiste às adversidades da região. Um discurso bastante incorporado às comunidades, que convivem com práticas messiânicas do catolicismo, como a manifestação cultural dos Penitentes⁴; as romarias que invadem as comunidades pedindo melhores tempos e reforçando a ideia de que a chuva virá com os pedidos aos céus. Não está em jogo aí que a região semiárida existe em várias regiões do planeta e a convivência com ela depende de investimentos públicos de diversas ordens e de que aquela não é uma

⁴ Segundo Silva (2013) apud Lima (2006), "é uma prática católica muito antiga, que tem como significado o sacrifício pessoal do fiel, que com esse ato crê está pagando por um pecado cometido, ou mesmo agradecendo uma graça recebida, fato esse que antigamente, se acredita que por meio das flagelações no próprio corpo, a alma seria libertada" (SILVA 2013 apud LIMA, 2006.). É uma manifestação simbólica-cultural, na qual é dividido entre os alimentadeiras de alma e os disciplinadores. As alimentadeiras de alma são um grupo composto por: homens, mulheres e crianças. Já os disciplinadores são formados apenas por homens adultos.

região predestinada. A identidade sertaneja não leva em conta questões étnicas e está bastante presente no discurso acadêmico da região.

Também entram na conformação da identidade quilombola os aspectos globais trazidos pelas mídias. Apesar da ausência de equipamentos urbanos nesses territórios, em todas as casas tem uma parabólica que transmite essencialmente a programação de apenas uma emissora: a Rede Globo. Ao lado do rádio, esses dois meios de comunicação vão aproximando esses sujeitos de um discurso global, em suas várias facetas: imagética e estética. As camadas mais jovens espelham-se, em certa medida, no que ali é posto, em relação ao consumo de bens materiais e imateriais. Ali aprendem sobre moda, cabelo, celulares, relações amorosas e padrões de beleza. Não queremos dizer aqui que esse discurso é hegemônico e prepondera sobre os demais. Na perspectiva de José Martin Barbero, queremos dizer que ele entra na negociação com a cultura local.

Uma terceira dimensão da construção da identidade está na elaboração do discurso quilombola, oriundo de organizações políticas externas, da universidade e de lideranças de destaque na comunidade. Entendendo que “ser quilombola” faz parte hoje de um discurso institucional, elaborado inicialmente pelos movimentos negros, em defesa das populações negras tradicionais, e consagrado pelo Estado na forma de lei, através do Artigo 68 das Disposições Transitórias e dos instrumentos legais que o acompanham, e agora sob risco de retrocesso legal.

A quarta e mais importante dimensão é a memória das comunidades e suas formas de preservação através das manifestações culturais, da valorização do território e das histórias locais. Nas entrevistas realizadas percebe-se que há uma memória relacionada à herança negro-indígena que vai se conformando em um discurso distante daquele da militância, mas que preserva um importante registro da chegada dos negros na região e sua reorganização nos territórios ribeirinhos.

Além disso, a influência do poder baseada em resquícios do coronelismo, em conjunto com o agronegócio, fizeram/fazem conformação para a construção dessas identidades. Amparados na formação do latifúndio e concentração fundiária, estas práticas marcaram a estrutura social destas comunidades. Nesta perspectiva, ainda se manifesta mesmo após tantas mudanças políticas no país. Um exemplo disso é a relação com a posse e o uso da terra, antigamente alguns membros tinham a posse, hoje o seu uso se dá através do trabalho precarizado.

É no território que relações entre o poder e a cultura que os grupos conseguem articular, seus processos de resistência à sociedade envolvente. (NOVAES, 1993) Neste aspecto, o modo de apropriação da terra, as formas de agrupamento, o modo e o modelo de cultivar os alimentos, a crença e as religiões (que existe e existiu nesses territórios), as linguagens⁵, as manifestações artísticas e os festejos fazem parte das concepções que temos dos aspectos identitários que pertence a esses grupos.

O que Hall (2010) definiu como "o jogo das identidades" e suas consequências políticas, Novaes (1993) como um "nós coletivo" no plano macrossocial, atribuo para este grupo o que Nascimento (2013) vem definir especificamente ao "complexo de significações, a esta práxis afrobrasileira", o "quilombismo", onde os sujeitos abrem mão de uma identidade reivindicando para si um espaço de visibilidade e atuação social através de outra evocada, em um espaço político da diferença. (NOVAES, 1993)

Esses grupos com uma "trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida" (Art. 2º DECRETO Nº 4.887) vêm em busca dos direitos sociais que lhe são assegurados, formando "[...] uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história". (NASCIMENTO, A. 2013, p.4) Nascimento traz uma contribuição importante para essa discussão, pois parte de outro lugar: a valorização do quilombo como organização política, e que deixa um legado para a memória das populações negras, que sempre recorre ao quilombo como forma de organização e resistência. "A continuidade dessa consciência de luta político-social" (NASCIMENTO, A. 2013, p.5) se estende por todas as comunidades, o modelo que inspira a organização dinâmica atuando como ideia-força desde o século XV. (NASCIMENTO, 2013) "Um ideal forte e denso que via de regra permanece reprimido pelas estruturas dominantes, outras vezes é sublimado através dos vários mecanismos de defesa fornecidos pelo inconsciente individual ou coletivo". (NASCIMENTO, 2013, p.5) "Desta realidade nasce à necessidade urgente ao negro de defender sua sobrevivência e de assegurar a sua **existência de ser**" (**grifo meu**, NASCIMENTO, 2013, p.4) em "despeito dessa realidade histórica inegável e incontraditável que os africanos e seus descendentes". (NASCIMENTO, 2013, p.4) tiveram/tem no quadro nacional.

⁵ Nesse quesito, nessas comunidades existem trabalhos específicos quanto ao uso da linguagem quilombola, por exemplo, os dicionários lexicográficos.

A história das sociedades e culturas modernas foi sempre acompanhada de uma certa idéia de humanidade, de uma apreensão do ser humano pensado essencialmente através das noções de igualdade e de liberdade. À medida que a significação e o alcance dessa idéia moderna de humanidade foram se aperfeiçoando, ela se viu atravessada por uma tensão muito forte entre duas exigências comparativamente opostas (Mesure & Renaut, 1999, p. 18 apud MUNANGA, p. 47).

O conceito de quilombo também é um lugar em construção e foi alvo de grande disputa de vários grupos na época da promulgação da constituição de 1988. Embora haja discussões dos conceitos dentro dessas comunidades quilombolas "percebemos como o conceito sobre quilombos foi construído política e academicamente, mas ainda distante das comunidades estudadas, a despeito de sua forte ancestralidade preponderantemente africana, já que se trata de um conceito construído". (ARAÚJO, D. 2015)

As comunidades⁶

As comunidades quilombolas de Juazeiro possuem histórias que ultrapassam mais de dois séculos, como relatam os moradores mais antigos pertencentes a estas. Os espaços territoriais que integram as comunidades são pequenos e todos se assemelham. Situados na região do semiárido brasileiro integrando o bioma caatinga as comunidades possuem vegetação diversificada e é banhado pelo Rio São Francisco, na qual suas margens são palcos para atividades econômicas: de pesca, agricultura irrigada, além de ser utilizada como espaço de lazer. (ARAÚJO, D. 2015) O número de famílias de cada comunidade varia de 40 a 100 aproximadamente, portanto são grupos pequenos.

Para falar das identidades das populações dessas comunidades, levamos em conta também os lugares onde estão inseridas. As histórias destas, segundo as falas dos anciões, denotam que o passado e o presente estão em constante relação com a terra, antes (no passado) o espaço territorial era ocupado por uma área muito maior do que a que vivem hoje. As histórias remetem a longos relatos de conflitos de terras, expulsões, realizadas por diferentes agentes: um grande investidor, um latifundiário ou uma empresa pública. Assim, quase todos os agrupamentos não estão em suas áreas tradicionais. Quase todos foram afastados do rio São Francisco e perderam o acesso direto a água, a grande moeda local.

⁶ Embora as comunidades sejam diferenciadas e cada uma possua sua característica própria, aglomeramos todas no mesmo quesito, por acreditar que não influenciará no tema proposto.

Se compararmos com as histórias das populações negras, indígenas, catingueiras e sertanejas, o território sempre foi alvo de disputa política, social e econômica assim como a violências partida pela industrial-financeira, oligarquia, latifundiária ou militar, onde "o ser" era característica de pertencer o status do não-poder.

Documentário

De acordo com Nichols (2008), apud Barcelos (2010), o filme pode ser dividido entre: filme de ficção e os documentários.

Os primeiros seriam responsáveis pela "satisfação dos desejos" do seu autor: um mundo imaginado que ganha materialidade através da equipe que auxiliará o diretor a contar tanto a sua história, como os seus medos, desejos e vontades. Já os segundos seriam responsáveis pela "representação social", ou seja, tornam "tangíveis os aspectos de um mundo que já compartilhamos. Torna visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta" (NICHOLS, B. 2008, p.26 apud BARCELOS, G. 2010, p 289).

Se em meados dos anos 1920 houve a ruptura na definição do cinema (realidade x ficção), nos tempos atuais a hibridização dos meios, ficcional, documental e experimental, além das estéticas, e dos processos se fazem presente. (TEIXEIRA, 2004)

A produção de documentários atualmente vem crescendo gradualmente, a disseminação do audiovisual está rompendo as fronteiras imagéticas. Festivais, amostras de cinemas, já fazem parte do cotidiano da sociedade. “Nunca se produziu tantos documentários, nunca se despôs de tantos suportes e mídias (químicos, eletrônicos, digitais), nunca um regime imagético propiciou tamanha variação estilística”. (TEIXEIRA, 2004 p.19) No território das práticas audiovisuais, o documentário, que repetidas vez, foi codificado enquanto um domínio dos mais propícios à manifestação da “vida como ela é” passa agora é ser a própria subjetividade da vida. (TEIXEIRA, 2004)

Por muito tempo o documentário foi o considerado “primo pobre” do cinema. A identidade do “ser documentarista” constituía uma meia-identidade do “ser cineasta” na qual mantinha como “arte maior” do cinema. (TEIXEIRA, 2004) Com a proposta de buscar uma própria, o documentário surge e se populariza em meados dos anos 1920 (durante a ruptura na definição do cinema) ganhando notoriedade, especificamente na Escola Inglesa. No território brasileiro, o cinema documental passou a ganhar a

regulamentação durante o Estado Novo, com políticas do governo de Getúlio Vargas, assimilando as tendências européias. (TEIXEIRA, 2004)

As significações foram e são mútuas sobre o que vem a ser documentário. No Brasil, dos anos de 1960 (nesta época que os temas sociais tiveram destaque) até os dias atuais, são divididos em três modelos originários amparados nos ensaios de Arthur Omar, Jean-Claude Bernardet e Silvio Da-Rin: *modelo ficcional*, *modelo sociológico* e *modelo ilusionista*. (TEIXEIRA, 2004)

O primeiro é "calcado na "função-espetáculo", que apresenta a realidade documental dominante"; (TEIXEIRA, 2004 p.30) o segundo é "tributário da crença clássica na possibilidade de atingir um real bruto, com sua superação em documentários concebidos como "discurso" construído no real" (TEIXEIRA, 2004 p.30) e o terceiro é "herdado da forte "forte presença do griersonismo" desde a nascença do documentário, cuja problematização se dá com o surgimento de tendências reflexivas que põem em foco os processos de representação documental" (TEIXEIRA, F. 2004, p.30) "[...] que nos três autores comentados é persistente o trajeto na forma-documentário que parte da noção de reprodução do real, passa pela sua desconstrução ao remetê-la a uma convenção, até chegar à sua configuração como traço". (TEIXEIRA, 2004p. 40)

No Brasil a relação entre a política e o cinema é evidente desde a origem desta arte. O documentário brasileiro tem sido "um poderoso instrumento de visibilidades para grupos, fenômenos sociais e conflitos diversos dentro da nossa sociedade". (BARCELOS, 2010, p. 276) Em 1980, ocorre o *boom* do vídeo popular. Atualmente as "principais questões, hoje, giram em torno de uma ética, uma estética e uma política das imagens, de uma reflexão e de uma compreensão cada vez maiores sobre o que vemos no cinema, na televisão e na internet [...]". (BARCELOS, 2010, p. 276)

Documentário etnográfico

O documentário etnográfico "surgiu" adjunto com as explorações culturais dos povos durante o século XIX, o registro dos "hábitos e costumes gestos e expressões dos diferentes povos" (MONTE-MÓR, 2004 p.97) passaram a fazer parte das narrativas fílmicas. (MONTE-MÓR, 2004)

A etnografia e a observação participante foram tradicionalmente usadas na antropologia como método de descrever e observar as sociedades pesquisadas, inicialmente espacial e culturalmente distantes do pesquisador, mas que, a partir dos anos de 1950, incorporam temas e

grupos sociais também partem de seu universo particular. (MONTE-MÓR, 2004 p.98).

Atualmente, essas narrativas remontam a "uma abordagem positivista em que filmes são resultados de uma documentação "objetiva" da realidade, registros muitas vezes sem montagem ou som, até experiências fílmicas diversas, interpretativas [...]" (MONTE-MÓR, 2004 p.99). Nesse contexto, as imagens não se resumem ao um processo de criação, mas o resultado de uma interpretação. (MONTE-MÓR, 2004)

Na década de 50 deste mesmo século, de acordo com Paul Henley (apud MONTE-MÓR, 2004) foi o período em que a produção cinematográfica combinava preocupações acadêmicas pela documentação etnográfica em conjunto dos instrumentos narrativos do documentário cinematográfico. (MONTE-MÓR, 2004)

O documentário etnográfico traduz uma linguagem própria, não como uma representação do real, mas como o "Cinéma-Vérité", sendo a própria narrativa do acontecimento, "processo aberto, um dialogo livre, polifônico" (MONTE-MÓR, 2004 p.108).

No final dos anos de 1980, quando tendências pós-modernas redefiniam a pesquisa etnográfica, fazendo repensar a autoridade do texto antropológico, questionando as relações sujeito/objeto na pesquisa e enfatizando o caráter construído do seu texto, parece que o filme etnográfico ganhou um novo lugar. O texto etnográfico construído como "narrativas ficcionais" permite a incorporação de novas linguagens na pesquisa e a imagem passa a ter interesse significativo (MONTE-MÓR, 2004, p.111).

Já durante a década de 90, o filme etnográfico passa ao lugar da produção documental particular, baseadas em casos específicos, (MONTE-MÓR, 2004). Atualmente com os "novos paradigmas da disciplina, os antropólogos descobrem que "contam estórias". Vão procurar também os meios teóricos e técnicos para contar estórias por meio das imagens". (MONTE-MÓR, 2004 p.116)

Quilombos e Sertões

O documentário "Quilombos e Sertões" é o resultado do subprojeto de projeto de pesquisa "Imagens e identidades: ser quilombola no sertão" integrado ao projeto de pesquisa tem como objetivo a construção fílmica que trate sobre a temática de identidade quilombolas no sertão, especificamente as comunidades que o projeto abarca. Entendemos que este documentário poderá ser um instrumento para a busca efetiva de políticas públicas

para os membros das comunidades, além de colaborar para a reflexão em torno das comunidades estudadas. Por muitas vezes o ser negro, foi motivo de caricatura nas representações da cinematografia, por isso a construção dessa narrativa se contrapõe a esta afirmação.

Antes de descrever os passos da pesquisa é importante ressaltar que os conteúdos (vídeos, fotografias, áudios) sobre as comunidades estudadas já fazem parte do banco de dados da pesquisa. Portanto há um acercamento e conhecimento dos principais sujeitos, o que facilitará a possibilidade da realização do documentário, que requer aproximação e confiança.

Desses registros, utilizamos para a produção do documentário às entrevistas realizadas em vídeo. Esses vídeos foram feitos com uma câmera fotografia do modelo *Canon EOS 60D*. A coleta desse material foi concretizada pelos bolsistas e voluntários durante o andamento do projeto. Esses registros somam um total de 185 minutos e 22 segundos divididos em 75 vídeos, correspondentes às entrevistas das comunidades que o projeto abarca. Essas entrevistas. O processo para a produção do vídeo documentário foi dividido em três grandes etapas: A revisão dos conceitos a serem abordados; decupagem das entrevistas; edição do vídeo documentário.

De acordo com Hall, e os outros autores, estamos numa fase de identidades híbridas. Portanto não estamos falando de sujeitos dotados de uma identidade quilombola com valores puros, intocados por outros aspectos e culturas. Como já foram apontadas acima, as comunidades com as quais entramos em contato relacionam-se com outras identidades: urbana, indígena, sertaneja, pós-moderna, catingueira.

Dessa forma, esse documentário pretende evidenciar essa diversidade identitária, ainda que a o discurso quilombola seja preponderante em algumas delas. O documentário deve, portanto, revelar o território e todas as suas contradições e lutas pela terra; as formas como as tecnologias interagem com a população, provocando rupturas; a re-construção das suas histórias; o modo como se enxergam, a des/re-construção da (s) identidade(s); os processos de luta vivenciados.

Proposta de roteiro

Para isso separamos nas seguintes seções: família, território e ser quilombola. Para o projeto de pesquisa foram priorizadas as falas dos sujeitos que discutem as suas

identidades, por entender que estas populações devem se reconhecer como agentes históricos.

Por fim, na última etapa, a edição, está no processo de andamento, o projeto prevê a finalização nos próximos dois meses (julho). Será divulgado nas comunidades que o documentário foi gravado, na universidade e disponibilizaremos na internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade de aprofundar os estudos sobre essas comunidades rurais quilombolas em Juazeiro-BA, este trabalho discutiu de que forma as identidades desses sujeitos se reinventam, constroem, através do discurso fílmico. Foi possível perceber que durante a montagem do documentário "Quilombos e Sertões" os conceitos utilizados para este estavam em consonância com o documentário etnográfico.

Percebemos que o hibridismo nas comunidades vai além das definições, os membros pertencentes aos mesmos grupos evocam as suas características identitárias quando solicitados. O jogo dessas relações passa por uma linha tênue.

Além disso, este trabalho foi importante para a construção da reflexão do tema proposto, na qual permitiu aperfeiçoar os parâmetros usados na pesquisa, tanto da discussão como a compreensão dos temas, carregando consigo a responsabilidade de contribuir para a construção permanente das memórias quilombolas, visto que, estes sujeitos não utilizam desse recurso para salvaguardá-la, além de colaborar como material para os processos de certificação e titulação de terras.

Em trabalhos futuros, temos a responsabilidade de dar continuidade proposta no início da pesquisa dando sentido ao acervo que já construímos ao longo do período de existência da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. **Narrativas foto etnográficas:** A construção coletiva da memória imagética de comunidades quilombolas de Juazeiro (BA). Disponível em:
<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2486-1.pdf>> Acessado em: 09. jan.2015

BARCELOS, G. Documentário e movimentos sociais: a luta no campo das imagens. In: Cadernos da pós-graduação/ Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. –Vol. 1, n.1 (1997). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1997- Edição Especial. Cinema e fotografia. 2010, p.275-294.

BRASIL; BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acessado em 10. jan. 2015.

GEOGRAFAR. Disponível em: <<http://www.geografar.ufba.br/estudo%20msf.html>>. Acessado em: 11 de março de 2011.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. – RJ: DP&A, 2007.

MONTE-MÓR, P. Tendências do documentário etnográfico. In: **Documentário no Brasil: Tradição e transformação**. São Paulo: Sammus, 2004, p.97-116.

MUNANGA, K. Algumas **considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil**: fundamentos antropológicos. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/68/05-kabengele-munanga.pdf>>. Acessado em 12. jan. 2016.

NASCIMENTO, A. Quilombismo um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: **Afrocentricidade uma abordagem epistemológica inovadora**. Disponível em: <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/10/Pre-Leitura_QUILOMBISMO.pdf>. Acessado em 10. jan. 2015.

NOVAES, S. **Jogo de espelhos**: imagens da representação de si através dos outros. Disponível em: <<http://bd.trabalhoindigenista.org.br/sites/default/files/Jogo%20de%20Espelhos.pdf>>. Acessado em: 04. jan. 2015.

SANTOS, M. et al. **Quilombos do submédio São Francisco**: definições e delimitações. Disponível em <<http://www.uneb.br/ecovale/files/2013/08/artigo-25.pdf>>. Acessado em 04. jan. 2015.

SILVA, A. **A RELAÇÃO IDENTIDADE E TERRITORIO NAS MANIFESTAÇÕES SIMBOLICO-CULTURAIS NO RODEADOURO (JUAZEIRO-BA)**. Disponível em: <<http://www.uneb.br/ecovale/files/2013/08/artigo-22.pdf>>. Acessado em 30.mai.2016.

TEIXEIRA, F. Eu é o outro: documentário e narrativa indireta livre. In: **Documentário no Brasil: Tradição e transformação**. São Paulo: Sammus, 2004, p.29-69.

TEIXEIRA, F. Introdução Cultura audiovisual e polifonia documental. In: **Documentário no Brasil: Tradição e transformação**. São Paulo: Sammus, 2004, p.7-28.